



Luz do festival

O longa-metragem *Atlântico Negro - Na Rota dos Orixás*, do paulistano-brasiliense Renato Barbieri, e o curta catarinense *Novembrada*, de Eduardo Paredes, abrem, na noite de hoje, a trigésima primeira edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. O primeiro concorre ao Prêmio Câmara Distrital do DF, no valor de R\$ 50 mil. O segundo será exibido em caráter *hors concours*, pois, ao conquistar o Troféu Glauber Rocha, da Jornada de Cinema da Bahia, teve, por obrigação do regulamento candango, que ser substituído por título reserva (*Uma História de Futebol*, de Paulo Machilene).

Atlântico Negro é uma produção que soma esforços da Videografia, empresa de Renato Barbieri, do Instituto Itaú Cultural e do Pólo de Cinema e Vídeo do DF. O cineasta, aliás, faz questão de deixar claro que seu filme "é brasiliense". E cita as razões que o credenciam a reivindicar o Prêmio Câmara Distrital, no mesmo valor (R\$ 50 mil) do que será dado pela Fundação Cultural ao melhor longa da mostra competitiva.

A primeira delas: "minha firma, a Videografia, tem o Distrito Federal como base". A segunda: "nossa filme, quando ainda encontrava-se em fase de produção, foi selecionado em concurso pelo Pólo de Cinema e Vídeo". A terceira: "profissionais brasilienses, como os professores da UnB, Victor Leonardi e Milton Gurau, participaram ativamente do projeto".

O Prêmio da Câmara de Cinema destina-se a filmes rodados no Distrito Federal e exibidos no Festival de Brasília. O juri brasileiro avaliará as condições de *Atlântico Negro*, já que ele foi rodado no Maranhão, na Bahia e África. Se não cumprir todos os requisitos, os recursos destinados à premiação (na categoria longa-metragem, já que os curtos em 35 e 16mm estão dentro das exigências regulamentares) serão repassados ao Pólo de Cinema e Vídeo (veja tabela de concorrentes).

Victor Leonardi, professor de História das Religiões, é responsável pela pesquisa que deu origem a *Atlântico Negro - Na Rota dos Orixás*. Ele e Barbieri se conheceram (na função de membros do juri) num festival de vídeo, em Aracaju. Trocaram idéias sobre o tema - as relações religiosas e culturais entre a Bahia e o Benin, ex-Daomé africano - e decidiram somar esforços para transformar a pesquisa em filme. O contato se deu em 92.

Seis anos depois, o filme está pronto. Acaba de ser exibido no Festival de Biarritz, na França, e, depois de Brasília, inicia maratona por festivais de documentário (*Tudo é Verdade* - São Paulo, organizado por Amir Labaki; *Jornada da Bahia*; Burkina-Fasso, o mais importante da África; *Festival do Real*, em Paris; Leipzig, na Alemanha; Roterdã, na Holanda, entre outros).

Barbieri, de 40 anos, um paulistano que mudou-se há três anos para Brasília, garante que *Na Rota dos Orixás* é apenas a primeira parte de uma tetralogia intitulada *Atlântico Negro*. Quando concluída, será exibida em série, na TV. "Isto deve ocorrer - aposte o diretor - no ano 2000, dentro das comemorações dos 500 anos do Descobrimento".

Os outros episódios, em fase de pré-produção, serão realizados em Cabo Verde e Angola ("o eixo será a arte, em especial a música e a dança"), Moçambique, Senegal e Malé. Estes versarão sobre temas ligados à construção da riqueza. "Como registramos no primeiro episódio, através de depoimento do embaixador Alberto Costa e Silva, o Brasil

Ficção com intenção documental e documentário sobre orixás afro-brasileiros abrem, hoje, o XXXI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Amanhã começa a mostra competitiva

Divulgação



Atlântico Negro de Renato Barbieri

foi construído por mãos negras". Aliás, o embaixador - já aposentado - é um dos principais consultores do projeto *Atlântico Negro*. Ele, que lançou recentemente *A Enxada e a Lança* (história da África pré-colonização portuguesa), é apaixonado pelo estudo das relações entre africanos e brasileiros.

Olhar eletrônico - Renato Barbieri iniciou-se no audiovisual no começo dos anos 80. Justo na festejada Olhar Eletrônico, empresa alternativa que buscavam um novo olhar e revelou o hilário *Ernesto Varella* (personagem de Marcelo Tass). Com os dois, estavam os sócios Fernando Meirelles (codiretor do *Maluquinho II*) e Paulo Morelli, diretor do curta *Lápide*, que prepara seu longa de estréia, Pedro Malazartes.

O quarteto realizou uma série de progra-

mas e documentários, até que cada um tomasse seu rumo. Em 92, Barbieri abraçou o projeto *Atlântico Negro*. Fez, antes, o documentário *Moçambique*, especial que foi exibido pela Rede Educativa, e agora cuida das primeiras participações de *Na Rota dos Orixás* em festivais.

Filmado em 16 milímetros e ampliado para 35, o primeiro episódio de *Atlântico Negro* será exibido com legendas em português. Isto porque a parte filmada no Benin vem em três línguas: o francês (idioma do colonizador do ex-Daomé), fon e iorubá. Falam sacerdotes, populares, historiadores e antropólogos africanos.

Pelo lado brasileiro falam Pai Euclides, representante do tambor de minas, de São Luís do Maranhão; Stela de Oxossi, do can-

domblé da Bahia; o embaixador Alberto Costa e Silva, o professor da UnB, Milton Gurau (cuja tese de doutorado estuda as relações brasileiros e africanos, com atenção especial para os agudá), entre outros.

O filme escora-se em narração em off feita pelo ator João Acaíabe (o prisioneiro Dorival de *O Dia Em Que Dorival Encarou a Guarda*, de Furtado & Goulart). Barbieri defende, convicto, o uso da narração em off, recurso que a TV banalizou e, na maioria das vezes, dá peso didático ao documentário: "já experimentei as mais diversas formas de narração para o documentário. Fiz filmes em que os depoimentos, somados, compunham a narrativa". Mas, "em *Na Rota dos Orixás*, sentimos necessidade de lançar mão da narrativa em off, caso contrário não daria conta da extensa e valiosa pesquisa que efetuamos".

E arremata: "gostei muito da narração feita por João Acaíabe, ator negro, que tem tudo a ver com a história de *Atlântico Negro*".

Barbieri resume a base temática de *Na Rota dos Orixás*: "este filme promove uma viagem no tempo e no espaço em busca das origens africanas da cultura brasileira. E o faz partindo das mais antigas tradições religiosas afro-brasileiras: o candomblé da Bahia e o

tambor de minas do Maranhão".

Curta - O curta *Novembrada* recria ficcionalmente a história de tumultuada visita do então presidente João Baptista Figueiredo a Florianópolis, quando populares de oposição ao regime militar o enfrentaram. Naquele dia 30 de novembro de 1979, o presidente, com fama de esquentado, bateu boca com manifestantes e os fatos acabaram se precipitando. Resultado: muita confusão, prisões e alguns jovens processados com base na Lei de Segurança Nacional.

O filme, de assumido tom eisensteiniano (o mestre soviético é homenageado com seqüência que evoca a Escadaria de Odessa), é um típico curta port-folio. Ou seja, foi feito como se fosse um longa-metragem condensado, com profissionais de ponta, muita figuração e gastos abundantes (US\$ 250 mil).

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

De São Paulo

CONCORRENTES AO PRÊMIO CÂMARA DE CINEMA

LONGA-METRAGEM

■ *Atlântico Negro*, de Renato Barbieri

CURTA EM 35 MILÍMETROS

■ *Athos*, de Sérgio Moriconi
■ *Bom Dia, Senhoras*, de Erika Bauer
■ *Negros de Cedro*, de Manfredo Caldas
■ *Palestina do Norte: O Araguaia Passa por*

Aqui, de Dácia Ibiapina

■ *Retratos e Borboletas*, de Yanko del Pino

■ *Tangerine Girl*, de Liloe Boublí

CURTA EM 16 MILÍMETROS

■ *Papuda, o Teatro do Crime*, de Francisco de Assis Moraes
■ *Por Longos Dias*, de Mauro Giuntini

■ *ATLÂNTICO NEGRO - Na Rota dos Orixás*, de Renato Barbieri (longa, 60 minutos) e *Novembrada*, de Eduardo Paredes (curta, 19 minutos) - Programa inaugural do XXXI Festival de Brasília. Hoje, às 20 h30. No Cine Brasília (106 Sul).